

APONTAMENTOS SOBRE O “PROBLEMA DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS” NA OBRA E PENSAMENTO DE ÁLVARO VIEIRA PINTO

NOTES ON THE “PROBLEM OF ADULT EDUCATION” IN THE WORK AND THOUGHT OF ÁLVARO VIEIRA PINTO

Francisco Josimar Ricardo Xavier¹
Adriano Vargas Freitas²

47

RESUMO

Este artigo apresenta alguns apontamentos sobre o “problema da educação de adultos” sinalizado pelo intelectual Álvaro Vieira Pinto, em sua obra “Sete lições sobre educação de adultos”. Debruçamo-nos, especificamente, sobre o quinto tema desta obra, em que é apresentado um “estudo particular” sobre este “problema”. Destacamos que, ao discorrer sobre o “problema da educação de adultos” e sobre a educação de uma maneira geral, a obra e pensamento de Álvaro Vieira Pinto têm muito a contribuir com discussões ainda pertinentes e atuais no campo educacional. Faz-se necessário retomar as leituras e as críticas que este intelectual faz ao modelo de escolarização e aos métodos de ensino para, então, entendermos que o “problema” está, principalmente, nas compreensões que se fazem sobre o ser adulto.

Palavras-chave: Álvaro Vieira Pinto. Educação de Adultos. Problema da educação de adultos.

ABSTRACT

This article presents some notes on the “problem of adult education” shown by the intellectual Álvaro Vieira Pinto, in the work “Seven lessons on adult education”. We look specifically at the fifth theme of this work. It presents a “private study” on this “problem”. We emphasize that, when talking about the “problem of adult education” and about education in general, this author's work and thinking have much to contribute to discussions that are still relevant and current in the educational field. It is necessary to resume the readings and criticisms that this intellectual makes to the model of schooling and to the

¹ Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1093846442805585>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6376-2828>. E-mail: josimar_xavier@id.uff.br.

² Doutor em Educação Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR/UFF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3969587952386949>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4602-3473>. E-mail: adrianovargas@id.uff.br.



teaching methods in order to be able to better understand that the “problem” is, mainly, in the understandings that are made about being an adult.

Keywords: Álvaro Vieira Pinto. Adult Education. Problem of adult education.

Data de submissão: 22 abr. 2020.

Data de aprovação: 11 dez. 2020.



1 INTRODUÇÃO

A gente sabe que tem muitos problemas, né? Assim, a ignorância é um fator que ainda é muito presente, mas vindo deles, a gente até sabe que é porque não tiveram estudos. (Professora de Adultos).

O excerto acima retrata a fala de uma professora da zona rural do Ceará³, mas poderia ser a narrativa de qualquer docente que leciona para adultos no Brasil. Nele podemos compreender o entendimento dela sobre quem são os estudantes que estão em sua turma. Decerto que este pequeno recorte leva a outras muitas reflexões, mas, para início de conversa, focaremos em alguns dos problemas da educação de adultos.

Emprestamos esse destaque por ser comum entre professores, gestores educacionais, e representantes dos poderes públicos, falas que reiteram a assertiva de considerar a educação voltada para adultos como problema. É possível que este entendimento respingue na pouca valorização da mesma, seja nos aspectos administrativos, pedagógicos e até orçamentários⁴. Ao apontar a “ignorância” como um dos “muitos problemas”, entendemos que a professora, ingenuamente, refere-se à ausência dos saberes escolares, ao fato de os estudantes não terem estudos. Em nossa perspectiva, a ignorância não se reduz a falta de estudos, entretanto, reconhecemos que gera uma discussão mais complexa, que não será foco de estudo neste artigo. Destacamos que compreender as causas que impossibilitaram os sujeitos adultos de buscarem escolarização na “idade própria” (BRASIL, 1988, p. 122), é um primeiro caminho ao entendimento das complexidades que cerceiam e adentram a educação de adultos.

Foram reflexões sobre falas do tipo da apresentada anteriormente que encaminharam a elaboração deste artigo. Nele analisamos o problema da educação de

³ A professora foi uma das informantes-chave da pesquisa “A influência de práticas pedagógicas matemática na EJA sobre a permanência de estudantes na zona rural de Sobral” (XAVIER, 2019).

⁴ Haddad (2007) informa que os orçamentos da educação pública, por muito tempo, concentram-se nas turmas ditas de ensino regular. Isso reforçaria uma pouca valorização da educação voltada para adultos no Brasil.

adultos sinalizado na obra “Sete lições sobre educação de adultos”⁵, do intelectual brasileiro Álvaro Vieira Pinto. O contato com esta obra e o pensamento deste educador ocorreu na disciplina Teoria e Educação II, cursada no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal Fluminense (UFF)⁶. As nossas experiências como docentes de adultos, pesquisadores da Educação de Jovens e Adultos (EJA), somada à leitura da referida obra, permitem afirmar que sim, a educação de adultos teve e tem muitas problemáticas a serem discutidas. Mas, que problema é esse referido por Álvaro Vieira Pinto quando ele faz um estudo particular do problema da educação de adultos? Seria um problema particular ao tempo de Álvaro Vieira Pinto?

No limite deste artigo, destacamos as contribuições de Álvaro Vieira Pinto à educação de adultos, na obra “Sete lições sobre educação de adultos”. Ao levantar estas discussões, apresentamos um intelectual que, além de pensar e escrever sobre desenvolvimento nacional, ciência, ideologia, consciência crítica e tecnologia, foi um educador que, em seu tempo, pensou uma educação para a massa trabalhadora, no intuito de que esta pudesse tornar-se crítica de suas realidades.

Lançamos mão, primeiramente, de apresentar um pouco do percurso da vida do referido intelectual. Em seguida destacamos um panorama da obra “Sete lições sobre educação de adultos” e fazemos alguns apontamentos sobre o que entendemos ser o “problema na educação de adultos” nela destacado.

2 O INTELLECTUAL ÁVARO VIEIRA PINTO

Certa vez ele – Álvaro Vieira Pinto - disse que a literatura brasileira começava com Guimarães Rosa. Eu diria que a filosofia no Brasil começa com Vieira Pinto. (CORBISIER, 1987, p. 1).

⁵ Neste artigo analisamos a primeira edição da referida obra, datada de 1982, divulgada pela Cortez Editora e pela editora Autores Associados.

⁶ A referida disciplina é componente obrigatório do curso de Doutorado em Educação da UFF.



Na edição do *Jornal do Brasil*, datada de 5 de julho de 1987, Roland Corbisier escreve o artigo “A morte de um sábio”⁷, em que relata a morte de Álvaro Vieira Pinto, a quem se refere como “um professor austero, cerimonioso” e “um tímido, ensimesmado”, que vivia dos livros e para os livros. Nele, Roland Corbisier retrata alguns encontros e um pouco da biografia de seu amigo e companheiro de trabalho, dando-lhe a relevância de ser o autor de um dos livros “mais importantes até hoje escrito no Brasil sobre o Brasil”, qual seja, “Consciência e realidade nacional”.

Álvaro Vieira Pinto recebeu os professores Dermeval Saviani e Betty Oliveira, em momentos distintos, concedendo-lhes entrevistas, que foram publicadas na parte introdutória da obra “Sete lições sobre educação de adultos” (VIEIRA PINTO, 1982). A partir dos relatos narrados nestas entrevistas podemos traçar a história de vida deste intelectual brasileiro. História esta já compilada por vários autores e que pode também ser encontrada no ambiente virtual “Rede de estudos sobre Álvaro Vieira Pinto”⁸.

Assim, destacamos que Álvaro Borges Vieira Pinto nasceu em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, na data de 11 de novembro de 1909. Estudou no Colégio Santo Inácio, de origem e ensino de cunho jesuítico, onde construiu uma sólida base de conhecimentos que, somados ao seu autodidatismo para aprender línguas⁹, o levaria a obter várias formações acadêmicas. Ainda jovem ingressa na Faculdade Nacional de Medicina, formando-se em 1932. Montou seu consultório em um quarto de hotel na cidade de Aparecida, em São Paulo, onde, sem sucesso, tentou dedicar-se à Clínica.

Após esse primeiro fracasso, voltou para Rio de Janeiro, onde trabalhou por 16 anos com Álvaro Osório de Almeida, contribuindo para os estudos sobre câncer. A necessidade em compreender o problema do raio-x (VIEIRA PINTO, 1982) o levou a estudar Matemática e Física na então Universidade do Distrito Federal. Foi Integralista, tendo sua matrícula

⁷ CORBISIER, Roland. A morte de um sábio. *Jornal do Brasil*, 5 jul. 1987. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&PagFis=811. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

⁸ A “Rede de estudos sobre Álvaro Vieira Pinto” encontra-se disponível no endereço: <http://www.alvarovieirapinto.org/>. Acesso em 09 de janeiro de 2020.

⁹ “No Colégio Santo Inácio, começou a estudar idiomas, como inglês, francês e latim. Mais tarde, sozinho, estudou alemão, russo, italiano, espanhol e grego” (CARDOSO, 2017, p. 55).

efetivada na província de nº 1985, na Ação Integralista Brasileira (AIB), em 8 de outubro de 1934 (FREITAS, 1998).

Naquela ocasião, ainda marcado pela efervescência da Semana¹⁰ e atraído pela mobilização crescente em torno da AIB, aproximou-se da questão social sob o impacto do tema “identidade nacional”. Naquele contexto iniciou-se em uma teorização sociopolítica que seria recuperada ano mais tarde na troca do ofício de médico com o de professor de História da Filosofia. (FREITAS, 1998, p. 47).

A teorização referia-se ao desenvolvimento nacional que poderia ser encaminhado no país a partir da tomada de uma consciência crítica, sobretudo, por parte dos trabalhadores. A troca de ofício de médico para professor se deu, em parte, por conta do autodidatismo de Álvaro Vieira Pinto, que o levou também a estudar Filosofia, o que lhe rendeu a função de professor adjunto da cadeira de História da Filosofia na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFI), da Universidade do Distrito Federal¹¹.

O aprofundamento em Filosofia ocorreu no período de quase um ano que esteve em Paris. Neste país, estudou na Sorbonne, onde, em 1949, elaborou a tese sobre cosmologia de Platão, aprovada no concurso para professor catedrático da FNFI. Sobre lecionar Filosofia na FNFI, destaca o intelectual que “[...] era uma orientação exclusivamente pragmática, quer dizer, eu dava o curso seguindo os manuais da filosofia comum, idealista, mas sempre num nível superior e elevado, desenvolvia cronologicamente o pensamento” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 17).

Este pragmatismo mudaria, quando, em 1955, por convite de Roland Corbisier, passa a lecionar Filosofia no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)¹². Em 14 de maio de

¹⁰ O autor refere-se à Semana de Arte Moderna de 1922.

¹¹ Segundo Cardoso (2017, p. 54), “em 1942, com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, vários professores alemães que davam aulas na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFI), saíram de suas funções. Naquele momento, Alceu Amoroso Lima indica Vieira Pinto como professor para ocupar a cadeira de História da Filosofia. A Universidade Federal do Brasil trata-se hoje da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)”.

¹² O ISEB foi criado em 14 de julho de 1955, sob o Decreto nº 57.608 assinado pelo então presidente João Café Filho, como órgão que substituiria o então Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP), do qual participavam intelectuais, Hélio Jaguaribe, Ignácio Rangel, Juvenal Osório Gomes, entre outros que comporiam o Instituto (FREITAS, 1998).

1956, o intelectual profere uma aula inaugural no ISEB, intitulada “Ideologia e desenvolvimento nacional”, a qual contou com a presença do então presidente da República, Juscelino Kubitschek (ABREU, 2013, p. 40). Em sua entrevista a Dermeval Saviani, o intelectual destaca que:

Com a entrada para o ISEB, fui mudando aos poucos de orientação, fui tomando uma orientação mais objetivista, menos idealista e deixando de lado toda aquela forma clássica de ensinar História da Filosofia, que era puramente repetir o que o outro disse. Passei a fazer exposição sobre o autor e depois a crítica, o que me dava oportunidade de alargar mais o meu campo de pensamento, embora sem jamais ter chegado a impor a ninguém qualquer ideia extremista, ou qualquer ideia que julgava tal, que fosse considerada indevida num currículo de Filosofia. (VIEIRA PINTO, 1982, p. 17).

No ISEB, Álvaro Vieira Pinto chefiou o Departamento de Filosofia (1956-1960) e exerceu a função de diretor do Instituto, até seu fechamento, em 13 de abril de 1964, em que “Ranieri Mazzilli assinou o Decreto nº 53.884 que o extinguiu” (FREITAS, 1998, p. 56). No Instituto, o intelectual passou a interessar-se mais pelas Ciências Sociais, ao assistir as aulas de seus colegas e professores, entre outros, Ignácio Rangel, Guerreira Ramos, Hélio Jaguaribe, Cândido Mendes de Almeida, Nelson Werneck Sodré e Roland Corbisier (MAINARDES, 2015), o que influenciaria na construção de seus pensamentos e ideias que vieram nos estudos e obras daquele tempo.

Perseguido pelo regime militar brasileiro, em 1964, Álvaro Vieira Pinto segue em exílio para a antiga Iugoslávia juntamente com esposa, Maria Aparecida Fernandes, ex-secretária do ISEB. Neste país viveu em Belgrado onde permaneceu em inatividade por um ano e aprendeu servo e croata (FREITAS, 1998). Em sua saída do Brasil, o intelectual levou consigo o ideal de contribuir com a construção de uma nacionalidade realmente brasileira, de uma educação realmente pública que pudesse se comprometer com a construção de uma sociedade crítica. Para Freitas (1998), Álvaro Vieira Pinto também retrata a figura de um intelectual que, como muitos de seu tempo, conheceram o preço da derrota.

[...] perdeu quando defendeu uma sociedade na qual o interesse público predominasse sobre o interesse privado; perdeu quando idealizou a escola pública e a universidade popular; perdeu quando discordou das hipóteses de revolução apresentadas pelas diversas tendências de esquerda entre os anos 50 e 60 deste século XX. (FREITAS, 1998, p. 13).

Por convite de Paulo Freire seguiu da antiga Iugoslávia para o Chile, onde proferiu palestras sobre educação para o Ministério da Educação chileno e trabalhou no Centro Latino-Americano de Demografia (CELADE)¹³. Neste país escreveu suas obras “Ciências e existência” (1969), “El pensamiento crítico de la demografía” (1973) e os manuscritos originais de “Sete lições sobre educação de adultos” (1982) (CAMPOS, 2011).

Seu retorno ao Brasil deu-se no final de 1968, no auge do regime militar, quando da promulgação do Ato Institucional 5. Álvaro Vieira Pinto permaneceu recluso em seu apartamento no Rio de Janeiro, onde, utilizando-se de pseudônimos, trabalhou com traduções¹⁴ e escreveu obras inéditas. Entre estas, o intelectual apontou, em sua entrevista com Dermeval Saviani, que à época tinha consigo as obras: “A educação para um país oprimido”, “Considerações éticas para um povo oprimido” e “A sociologia do povo desenvolvido”. A respeito dessas produções, Álvaro Vieira Pinto informou que elas representam “nada de maior a esperar a não ser que não se percam, que vocês jovens professores cuidem de procurar um dia talvez publicar essas coisas se merecerem” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 20).

Álvaro Vieira Pinto falece de infarto em junho de 1987, deixando um legado de contribuição não só nas suas produções, mas na força e na forma com que seu pensamento de intelectual e professor incide sobre a Educação. São vastas as obras publicadas pelo intelectual, variando as perspectivas e pensamentos que ele tomou em cada uma delas. Muitas também são as qualidades atribuídas ao “Mestre brasileiro”, como a ele se referiu Paulo Freire¹⁵. Alguns estudiosos o tiveram como sujeito de suas pesquisas, discutindo os conceitos de nacionalismo e terceiro mundismo (ROUX, 1990); desvelando sua trama e

¹³ Vieira Pinto conseguiu entrar no Chile para ser pesquisador do CELADE (FREITAS, 1998).

¹⁴ Campos (2011) destaca a tradução da obra “O Perfil do Futuro”, de Arthur C. Clarke, publicada em 1970.

¹⁵ Adjetivo destacado na obra “Educação como prática da liberdade”, em que Paulo Freire indica a leitura do livro “Consciência de Realidade Nacional”, de Álvaro Vieira Pinto.

personagem (FREITAS, 1998), discutindo sua vida e obra, e as ideias pedagógicas apresentadas em suas produções e pensamentos (MAINARDES, 2015). Seus estudos também foram publicados postumamente, dentre estes, “O conceito de tecnologia” (2005) e “A sociologia dos países subdesenvolvidos” (2008).

Talvez a troca da “glória acadêmica pela aventura de uma reflexão inédita e polêmica” tenha sucumbido a história, a memória e as contribuições deste intelectual ao “mais injusto silêncio”, como aponta Cláudio Bojunga, no artigo “O risco de pensar”, publicado na edição de agosto de 1987 do *Jornal do Brasil*¹⁶.

Destacamos que, ao tomar conhecimento da obra e pensamento de Álvaro Vieira Pinto, encontramos um intelectual com ideias vivas e profundas sobre Educação, conforme pudemos constatar nas leituras realizadas para a construção deste artigo, que acreditamos precisar serem retomadas e discutidas. Trata-se de um pensamento que, ainda estando em seu tempo, nos permite reconhecer que traz pontos e discussões pertinentes ao atual contexto político e social da educação brasileira.

3 A OBRA “SETE LIÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO DE ADULTOS”

Não escrevi nenhum livro de pedagogia, embora tenha muitas observações a fazer sobre ela. (VIEIRA PINTO, 1982, p. 23).

Na parte introdutória, escrita por Dermeval Saviani, este aponta pensar que a fala expressa acima por Álvaro Vieira Pinto “decorre do fato de que Sete lições sobre educação de adultos foram aulas-conferências que ele proferiu no Chile em 1966, [...] no seu entender, um livro exigiria maior desenvolvimento e aprofundamento” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 26).

Em nossa leitura, entendemos que ao informar não ter escrito nenhum livro de pedagogia, não podemos, erroneamente, compreender a obra de Vieira Pinto (1982) como manual didático de educação ou de método de ensino. Afinal, o pensamento e concepções

¹⁶ BOJUNGA, Cláudio. O risco de pensar. *Jornal do Brasil*. 01 ago. 1987. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&PagFis=811. Acesso em: 14 jan. 2020.

deste intelectual transbordam a perspectiva da educação como algo que possa ser ensinado a alguém, mesmo no espaço escolar. As muitas observações sobre a pedagogia podem ser encontradas nas críticas que ele faz ao modelo de educação, as formas e maneiras de ensinar adotados por educadores, sobretudo, os que lecionam para adultos.

No período de 1960, em que Álvaro Vieira Pinto proferiu as referidas aulas-conferências no Chile, o Brasil adentrava com maior força no regime ditatorial. O ideário de modernidade, trazido pela incipiente industrialização, fez a taxa de crescimento populacional crescer absurdamente. Em contrapartida, o país concentrava muitos jovens acima de 15 anos de idade analfabetos, e o acesso à escolarização da classe pobre e trabalhadora era bastante restrito. Enquanto isso, de uma forma geral, “os países que se industrializaram no final do século XIX, já haviam chegado à universalização da educação, superando a barreira do analfabetismo” (RUMMERT, 2016, p. 13).

Mesmo a obra “Sete lições sobre educação de adultos” sendo curta em quantidade de páginas, a consideramos como profunda e densa, quanto às discussões que ela oferece. Nela, o intelectual encaminha uma escrita que vai da complexidade de se compreender o “Conceito de educação”, à especificidade de se discutir “A formação do educador”. Neste percurso, ele transita nas temáticas: “Formas e conteúdos da educação”, “As concepções ingênua e crítica da educação”, “Educação infantil e educação de adultos”, “Estudo particular do problema da educação de adultos” e “O problema da alfabetização”.

Percebemos que em cada tema, Vieira Pinto (1982) alinhava sua escrita por explicações conceituais; típico da prática de um professor preocupado em dizer como as coisas acontecem e o significado de cada uma delas em seu contexto. Isso é reforçado quando, em alguns momentos, ele exemplifica didaticamente estas explicações e faz comparações, no intuito de que o leitor – os alunos, no caso - compreenda de onde e do quê ele está se referindo.

Como abertura de “Sete lições sobre educação de adultos”, encontramos uma parte introdutória que traz excertos de entrevistas de Álvaro Vieira Pinto concedidas a Dermeval Saviani e Betty Oliveira, a partir das quais compreendemos que “as vicissitudes da referida obra espelham, de uma certa maneira, as vicissitudes pelas quais passou o autor” (VIEIRA

PINTO, 1982, p. 10). Nesta parte introdutória, o intelectual aponta conceitos que serão desenvolvidos no transcurso da obra, dentre os quais, destacamos o de Educação.

Tomado como aprofundamento na primeira temática do livro, o autor sinaliza haver, sob sua perspectiva, os significados de educação nos sentidos restrito e amplo. O primeiro é tomado pela pedagogia clássica para referir-se às fases infantil e juvenil do ser humano. Já o segundo, o qual Vieira Pinto (1982) corrobora e desenvolve seu pensamento, contempla a existência humana em sua complexidade. Para ele, “a educação é um processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 29).

No auge em que a educação, no Brasil, limitava-se a ser interpretada como ensino, sobretudo, o ensino técnico de baixa qualificação da classe pobre e trabalhadora, enquanto os filhos dos mais ricos eram preparados para assumir os mais altos escalões da sociedade (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011), o entendimento de educação em Vieira Pinto (1982) toma rumos divergentes. Partindo da concepção de homem como ser histórico-social e, por isso, existencial, possuidor de consciência e cultura críticas, Vieira Pinto (1982) destaca a educação em seu caráter histórico-antropológico, como sendo: um fato existencial e social, um fenômeno cultural, uma atividade teleológica de ordem consciente, um processo exponencial que é, por essência, concreta, e, por natureza, contraditória.

Na segunda temática do livro, o intelectual vai apontando seu pensamento sobre a “Formas e conteúdos da educação” a partir dos conceitos ingênuo e crítico. Para ele, o conceito ingênuo, entende o conteúdo da educação como “os conhecimentos transmitidos do professor para o aluno” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 41), e a forma “são os procedimentos pedagógicos”, “o método”, ou seja, “a maneira de transmitir o conhecimento” (p. 44). O conceito crítico considera formas e conteúdos aspectos distintos, mas unidos de uma mesma realidade. Aponta o intelectual que:

Conteúdo e forma da educação significam mais que a simples coexistência e justaposição dos fatores. Representam uma unidade real, isto é, a dependência recíproca de um ao outro. Assim, o conteúdo determina a forma da educação na qual é ministrada, porém esta por sua vez determina

a possibilidade de variação do conteúdo, aumentando-o, em um processo sem fim. (VIEIRA PINTO, 1982, p. 46).

A partir da segunda temática, o intelectual toma suas explicações partindo dos pontos de vistas da consciência ingênua e consciência crítica. Estes são conceitos aprofundados na terceira temática de sua obra, em que ele aponta haver diferenças, pois uma é antítese da outra:

- a) **Consciência ingênua** é aquela que – por motivos que cabe à análise filosófica examinar – não inclui em sua representação da realidade exterior e de si mesma a compreensão das condições e determinantes que a fazem pensar tal como pensa. [...]
- c) **Consciência crítica** é a representação mental do mundo exterior de si, acompanhada da clara percepção dos condicionamentos objetivos que a fazem ter tal representação. [...] (VIEIRA PINTO, 1982, p. 59-60, grifo do autor).

Nesta terceira temática percebemos que o intelectual aponta que as compreensões de educação, sujeito adulto, formas e conteúdos da educação dependem dos entendimentos dos educadores e dos tipos de consciências que estes têm. Se estes são educadores formados em uma “pedagogia alienada” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 22) seus entendimentos estariam mais centrados em uma consciência ingênua que crítica.

As discussões sobre o educador de adultos e sobre as pedagogias são encaminhadas na quarta temática, onde se destaca a relação entre educação infantil e educação de adultos. Nesta, Vieira Pinto (1982) aponta que a “distinção entre modalidades e tipos de educação só deriva das diferenças de grau no desenvolvimento fisiológico e psicológico do homem (das idades no curso de sua vida)” (p. 71).

Reforçando seu entendimento de homem como sujeito social, o intelectual indica que a educação voltada para adultos tem de considerá-lo como um ente racional que, diferentemente dos demais animais, tem a capacidade de trabalhar (VIEIRA PINTO, 1982, p. 70). Para ele, esta capacidade de trabalhar, inerente à condição humana que se edifica no sujeito adulto, é que possibilita uma aprendizagem primeira – no convívio no mundo -, antes de este conhecer a escolarização. Para Vieira Pinto (1982, p. 71):

A distinção entre a educação escolarizada da criança e a do adulto, e todos os problemas pedagógicos que suscita, tem que se apreciar sempre do ponto de vista das disponibilidades sociais de trabalho, tais como existem em uma determinada comunidade.

No que tange aos problemas pedagógicos, Vieira Pinto (1982) reconhece que eles são distintos entre educação infantil e de adultos; dentre estes, o autor destaca a alfabetização e chama atenção para o risco de os educadores não caírem no erro da infantilização do adulto. Percebemos nesta temática, que o autor centra as discussões sobre as compreensões do ser adulto. O que é reforçado na quinta temática, quando o intelectual adentra no “Estudo particular do problema da educação de adultos” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 79).

A quinta temática será discutida especificamente no tópico posterior deste artigo. Por ora encaminhamos nossas análises para a relação homem-trabalho, nela desenvolvida por Vieira Pinto (1982). É perceptível, nesta temática, a influência do pensamento e da filosofia marxista, abraçada pelo intelectual após seu ingresso no ISEB. Para ele, o homem analfabeto, assim o é considerado do ponto de vista do homem letrado. A condição de estar analfabeto não o impede de conviver com o e no mundo, inclusive, não o impede de trabalhar. É a partir do trabalho que o homem toma consciência de si, participa da sociedade e nele apreende o que é necessário para sua sobrevivência. A escola não seria um *a priori* à vida do homem, mas, sim, o trabalho, a capacidade de desenvolver suas habilidades e a participação social.

A participação cada vez mais ativa das massas – incluindo o grande número de analfabetos -, no processo político de uma sociedade, expande a consciência do trabalhador e lhe ensina por que e como – ainda que analfabeto – deve caber a ele uma participação mais ativa na vontade geral. (VIEIRA PINTO, 1982, p. 80).

Comprendemos, assim, que a tomada de consciência crítica da massa trabalhadora, tida como analfabeta, de que a educação é um de seus direitos, é que pode levá-la a buscar escolarização, o saber letrado. Até chegar lá – no saber letrado – tem-se caminhado e

apreendido bastante com o trabalho, as culturas e as consciências políticas de cada sujeito. O que o estudante adulto necessita ou não saber, e a conceituação de analfabetismo são discutidos na sexta temática da obra, intitulada “O problema da alfabetização” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 91).

Nesta sexta temática, Vieira Pinto (1982) parte da concepção sociológica de que o homem é um ser humano concreto. Entendemos que, para ele, não cabe tomar o homem como do campo idealista para discorrer sobre problemas subjetivos e, possivelmente, improváveis de serem superados. O homem é, e existe concretamente. A concepção ingênua do que seja o homem pode levar a interpretações equivocadas daquilo que paira sobre ele como sujeito sociológico. Um dos equívocos apontados por Vieira Pinto (1982) diz respeito às causas relativas ao analfabetismo. Aponta o intelectual que uma consciência ingênua “refere-se sempre o analfabetismo a um vício de formação individual, pelo qual é responsável o analfabeto mesmo ou sua família, jamais a sociedade como um todo” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 93).

Coerente aos sentidos de educação e homem, Vieira Pinto (1982) sinaliza que estar analfabeto é uma condição do homem que não precisou ou precisa ler as palavras escritas para viver no mundo. Disso resulta a explicação que o intelectual faz sobre o “necessitar saber” e o “não necessitar saber” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 92). Compreendemos que, na perspectiva do intelectual, o necessitar é anterior ao saber, por isso, é íntimo ao homem, estando ligado às necessidades de existências do sujeito. O saber é um acidente social, relaciona-se a alguma coisa. Entendemos que viver não é coisa alguma que precise de saber, simplesmente o é, assim como o homem. Aponta o intelectual que “o ‘necessitar’ ao qual se refere a leitura e a escrita é de caráter social” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 93).

O saber é o centro das discussões da sétima temática de “Sete lições sobre educação de adultos”, mas o saber de quem educa o educando adulto, trabalhador, possuidor de uma consciência crítica. Nesta temática, Vieira Pinto (1982, p. 107) reflete sobre a máxima “Quem educa o educador?”. Salienta o intelectual que à consciência ingênua, diante de uma capacidade limitada de reflexão crítica, é óbvio que, quem educa o educador é outro educador. Ingenuamente, há nesse tipo de resposta, uma “cadeia regressiva de educadores

ao infinito, por isso é uma simples petição de princípio, sem valor lógico” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 108).

A consciência crítica, tomada como ponto central do pensamento de Vieira Pinto (1982), seria capaz de ser mais complexa em sua resposta, a ponto de compreender que quem educa o educador é a sociedade. Para o intelectual, “é sempre a sociedade que dita a concepção que cada educador tem do seu papel, do modo de executá-lo, das finalidades de sua ação, tudo isso de acordo com a posição que o próprio educador ocupa na sociedade” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 108). Esta fala de Vieira Pinto (1982) ratifica a sua concepção de educação, de estar em um processo existencial e social, cujas ações devem ter uma finalidade no agir com o e sobre o homem, sujeito histórico de uma realidade concreta.

Consideramos que a obra “Sete lições sobre educação de adultos”, pulsa discussões profundas sobre a educação. Não se trata de uma obra estanque em seu tempo. Os conceitos e situações nela presentes precisam ser revisitados. Razão pela qual tomamos o “problema da educação de adulto” como ponto de nossa próxima discussão.

4 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O “PROBLEMA DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS”

A educação de adultos visa a atuar sobre as massas para que estas, pela elevação de seu padrão de cultura, produzam representantes mais capacitados para influir socialmente. (VIEIRA PINTO, 1982, p. 83).

No quinto tema de “Sete lições sobre educação de adultos”, Vieira Pinto (1982) trata de um “Estudo particular do problema da educação de adultos” (p. 79). Enunciado desde o título da seção, o problema trata-se de uma incógnita que vai sendo desenvolvida ao longo do texto, em que o autor retoma conceitos e explicações estudados ao longo da obra.

É possível compreender que as reflexões do intelectual buscam aprofundar respostas para as questões: “A quem educar?”, “Quem educa?”, “Com que fins?” e “Por que meios?” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 46), destacando haver, para cada uma delas, os pontos de vista das

consciências crítica e ingênua. Além de um foco especial sobre os sentidos de analfabetismo e ignorância empregados aos homens adultos trabalhadores.

Em nossa leitura, destacamos alguns pontos que consideramos essenciais à compreensão do problema sinalizado pelo intelectual à educação voltada para adultos, são estes: o entendimento de quem seja o sujeito adulto; o reconhecimento da intencionalidade das práticas pedagógicas e da finalidade da educação que se destina ao adulto, e o equívoco da infantilização do adulto.

A respeito do primeiro apontamento, esclarecemos que se trata do entendimento, muitas vezes equivocado, que educadores e legisladores de políticas educacionais têm sobre quem é o ser adulto. Um entendimento apressado ou diminuto sobre quem é este sujeito, pode respingar diretamente nos sentidos de educação, ensino e nas formas que as ações de políticas educacionais serão a eles direcionadas. Pode, inclusive, conduzir “aos mais graves erros pedagógicos pela aplicação ao adulto de métodos impróprios” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 88).

Para Vieira Pinto (1982) o ser adulto é, antes de tudo, humano, concreto, um sujeito social que vive, reproduz e produz em sociedade. É este sujeito a quem se deve educar. O caráter de produção é dado pelo trabalho, ação essencialmente política, pela qual o homem adulto apreendeu os conhecimentos de acordo com sua realidade. Estes conhecimentos não podem ser entendidos como inferiores, tampouco subestimados aos ditos conteúdos escolares. Entendê-los sob estas perspectivas seria reproduzir, por exemplo, uma visão ingênua de que o adulto é analfabeto por não apresentar uma “educação formal” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 80) e que, por isso, a ignorância seria algo da natureza do homem atrasado.

Reafirmando uma percepção objetivista de um pensador que entende o homem em caráter concreto, Vieira Pinto (1982, p. 83) destaca:

O educando adulto é antes de tudo um membro atuante da sociedade. Não apenas por ser um trabalhador, e sim por um conjunto de ações que exerce sobre um círculo de existência. O adulto analfabeto é um elemento frequentemente de alta influência na comunidade. Por isso é que se faz tão imperioso e lucrativo instruí-lo.

O entendimento de instrução do adulto em Vieira Pinto (1982), é dado a partir da consciência crítica, pois esta compreende que todos devem ser educados. Ao contrário da consciência ingênua que, “ainda que não o declare, não deseja que todos sejam instruídos” (MAINARDES, 2015, p. 106). É lucrativo instruir um adulto, pois este, ao tomar conhecimento de seus direitos e da importância dos saberes letrados, poderá compreender-se mais crítico e conhecedor do processo exponencial que tem a educação. Quanto mais ele – sujeito adulto - se reconhece crítico de sua realidade, tanto mais será educado, passando a reivindicar mais educação para seus filhos e demais membros da sua comunidade.

Importante destacar que Vieira Pinto (1982) não rechaça os saberes escolares, pelo contrário, ele reconhece que o adulto alfabetizado dentro de sua cultura e da sua comunidade “necessita aprender os elementos básicos do saber letrado, as primeiras letras, a escrita, os rudimentos da matemática” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 85). Contudo, aponta que, para estes saberes não se limitarem em ter um significado meramente instrumental, precisam acompanhar as realidades dos sujeitos.

Um segundo apontamento nosso diz respeito à finalidade do ato educativo, os sentidos e intencionalidades das práticas pedagógicas dos educadores de adulto e a finalidade da educação destinada a esse público. Referimo-nos às reflexões: Quem educa? e com que fins? Certos de que as formas e conteúdos da educação são permeados de ideologias, corroboramos com o intelectual que educar é um ato que exige do educador um posicionamento político.

Dessa forma, apreendemos que em Vieira Pinto (1982) a relação entre quem educa o sujeito adulto e as finalidades desta educação, pode ser entendida no sentido que ele confere à educação como uma “atividade teleológica” (p. 32), que não pode ser reduzida à transmissão de saberes letrados, mas a apreensão de saberes que podem contribuir para uma formação cidadã e crítica do adulto em sua comunidade. Para isso, é preciso que o educador de adulto seja dotado de uma consciência crítica de suas ações, reconheça que suas práticas pedagógicas devem considerar o estudante adulto como sujeito sabedor. Como sinaliza o intelectual:

O educador de adultos tem que admitir sempre que os indivíduos com os quais atua são homens normais e realmente cidadãos úteis. Tem que considerar o educando não como um marginal, um caso de anomalia social, mas, ao contrário, como um produto normal da sociedade em que vive. (VIEIRA PINTO, 1982, p. 82).

Vieira Pinto (1982) defende que o educador de adulto precisa necessariamente ter uma consciência crítica, pois só assim ele possibilitará ao estudante a oportunidade de “alcançar a consciência crítica instruída de si e de seu mundo” (p. 84). A tomada dessa consciência é encaminhada no processo de educação do próprio educador de adulto que se educa por meio da sociedade. Esse entendimento reforça a tese fundamental do intelectual de que a educação é um encontro amistoso, no qual estudante e educador se educam e aprendem um com o outro.

Um terceiro apontamento refere-se ao equívoco da infantilização na educação de adultos. Analisamos esta infantilização relacionada, primeiramente, ao entendimento que o educador tem sobre o estudante adulto, o que pode interferir no seu método de ensino. Vieira Pinto (1982) destaca que a infantilização do adulto é, muitas vezes, resultado de práticas pedagógicas de um educador ingênuo, que entende seu público como “criança que cessou de desenvolver-se culturalmente” (p. 87).

Na contramão dessa concepção de educador de adulto, o intelectual sugere que o como ensinar esse público “deve partir dos elementos que compõem a realidade autêntica do educando, seu mundo de trabalho, suas relações sociais, suas crenças, valores, gostos artísticos, gírias, etc.” (VIEIRA PINTO, 1982, p. 86). Além disso, que estes elementos sejam incorporados às práticas pedagógicas dos educadores mediante diálogos estabelecidos com os estudantes. Essa interseção de saberes possibilitaria uma relação dialógica entre os conhecimentos das vivências dos estudantes e os saberes letrados. Desta maneira, antes de pensar no método de como ensinar adultos, é necessário conhecê-los, bem como as suas realidades para, então, buscar responder à questão: Como lhe ensinar?

Nesse íterim, analisamos que o problema enunciado por Álvaro Vieira Pinto se desdobra a partir de um ponto comum, qual seja, o entendimento que se faz sobre o ser adulto. As maneiras como este sujeito é entendido, se por uma via de consciência crítica ou

ingênua, influenciam sobre o sentido de educação que a ele deve estar voltada. Elucidamos que estes entendimentos podem partir de legisladores educacionais, de programas de educação, mas têm no educador de adulto a referência central que pode encaminhar uma educação sob uma perspectiva crítica ou ingênua.

Nestas circunstâncias, cabe-nos refletir sobre que, mesmo estando a obra e o pensamento de Álvaro Vieira Pinto centrados em espaços-tempos específicos, alguns dos problemas por nós apontados ainda cerceiam a educação voltada para adultos no atual contexto brasileiro. Alguns destes problemas podem ser percebidos, por exemplo, nos estudos de Freitas (2013). Segundo este autor, no que tange à temática formação/atuação de professores de jovens, adultos e idosos, estudantes da EJA, é comum a aceitação de que eles – professores – não precisam de uma formação específica para lecionar para esses sujeitos. Isso se dá, em parte, pela naturalização de que o ensino voltado para o público da EJA não carece de aprofundamentos, seja de conteúdos, de discussões, podendo ser ele um ensino aligeirado. Em nossas perspectivas, este tipo de pensamento diz muito sobre que sentido de educação está sendo ofertada para os jovens, adultos e idosos, além de dialogar com os sentidos e intencionalidades das práticas pedagógicas dos professores para com estes sujeitos.

Xavier (2019), ao discutir sobre a realidade de turmas de EJA da zona rural do Ceará, nos informa ainda existir um equivocado entendimento de que no ensino dessa modalidade, alguns professores expressam não enxergar como algo negativo o fato de reproduzirem práticas pedagógicas infantilizadas, até mesmo se utilizarem de atividades impressas, elaboradas originalmente para turmas da Educação Infantil. Reconhecemos que ações deste tipo ocorrem, em especial, em turmas de Alfabetização na EJA, que contemplam mais estudantes idosos. Os resultados dos estudos de Xavier (2019) nos permitem compreender a insistência e a perpetuação de uma comparação do sujeito adulto à criança que, por sua vez, culminam com o equívoco da infantilização apontado por Vieira Pinto (1982).

Em linhas gerais, ao fazermos a leitura da obra de Vieira Pinto (1982) encontramos um intelectual com pensamentos críticos e pertinentes que, se projetados na conjuntura educacional do Brasil atual, refletiríamos o quanto estamos longe de construir uma

educação realmente emancipadora e crítica. Corroboramos com Rummert (2016), quando destaca os aspectos teórico-filosóficos de Vieira Pinto (1982) como essenciais para pensarmos a educação em sua complexidade e, especificamente, o homem adulto enquanto sujeito que possui os conhecimentos de suas experiências. Outra contribuição do intelectual e de seu pensamento se dá sobre a formação do educador de adulto, entendendo este como sujeito que necessita estar constantemente refletindo sobre suas ações em uma perspectiva crítica. Além de colocar em prática os efeitos destas reflexões, de modo a concretizá-las nos estudantes por meio de práticas pedagógicas que possam florescer seus sentidos de criticidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos limites deste artigo buscamos discutir sobre o “problema da educação de adultos” sinalizado por Álvaro Vieira Pinto em sua obra “Sete lições sobre educação de adultos”. Para isso foi necessário emergirmos no emaranhado histórico-biográfico da vida do intelectual e do contexto que perpassa a referida obra.

Lançamos algumas indagações no intuito de compreender as nuances que levaram o intelectual discorrer sobre o problema da educação de adultos: Que “problema” é este? Seria um problema particular ao tempo de Álvaro Vieira Pinto?

A partir de nossas análises, ousamos responder tais indagações informando que: ao tomar o “problema” como ponto de aula-conferência, o intelectual tece considerações teórico-filosóficas a respeito do sujeito homem, adulto, trabalhador, da educação a ele voltada e do educador de adulto. Entendemos que o problema tem como ponto primeiro as concepções que a sociedade, políticos, legisladores educacionais e, especialmente, os educadores, têm sobre quem é o adulto.

Se o estudante adulto é entendido sob uma consciência ingênua, pode-se esperar os mais graves erros pedagógicos, dentre os quais, sua infantilização. Espera-se que ele seja compreendido sob uma consciência crítica, como sujeito que possui uma experiência de

vida, a qual lhe proporcionou apreender conhecimentos oriundos de sua condição de trabalhador e, sobretudo, é um crítico de sua realidade.

Ainda que Álvaro Vieira Pinto discorra sobre situações de um espaço-tempo específico, os apontamentos que destacamos do problema por ele sinalizado nos levam a encontrar aproximações ao contexto atual, seja referente às políticas educacionais, ao entendimento do adulto estudante, ou alguns educadores, pedagogos ingênuos, que constroem práticas pedagógicas distantes das realidades dos estudantes.

Ao concluir a leitura de “Sete lições sobre educação de adultos”, enfatizamos a necessidade de sempre reafirmar que nosso papel enquanto educadores é contribuir, sobretudo, para uma formação de sujeitos críticos, conscientes de seus direitos e deveres, e as realidades que os cerceiam. É, essencialmente, encaminhar uma educação emancipadora e libertadora (FREIRE, 1967), que faça sentido às vivências dos estudantes jovens, adultos e idosos. Uma educação que reconheça seus saberes como diferentes daqueles tidos como escolares, mas nem por isso, menos importante.

No contexto político brasileiro em que nos encontramos atualmente, onde a educação e a ciência têm sido colocadas em segundo plano dos orçamentos do governo federal; os movimentos sociais de resistências têm sofrido constantes ataques, e a classe pobre trabalhadora tem perdido seus direitos sociais mais básicos, cabe-nos, enquanto educadores, refletir sobre, entre outras importantes questões: Que educação queremos?

REFERÊNCIAS

ABREU, A. B. **Álvaro Vieira Pinto: os (ab) usos ideológicos da tecnologia em questão**. 189f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 25. ed. Brasília: Senado Federal, 1988.

CAMPOS, D. M. **A Filosofia e a trajetória de Álvaro Vieira Pinto no Instituto de Estudos Brasileiros (ISEB): 1956- 1964**. 105f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, 2011.

CARDOSO, N. L. **Álvaro Vieira Pinto, o filósofo do terceiro mundo**: construções teóricas sobre “consciência” e “educação”. 107 f. Dissertação (Mestrado e Educação) – Universidade Católica de Brasília, 2017.

FREIRE, P. **Educação como prática da Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREITAS, A. V. **Educação Matemática e Educação de Jovens e Adultos**: estado da arte de publicações em periódicos (2000 a 2010). 2013. 360 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

FREITAS, M. C. **Álvaro Vieira Pinto**: a personagem histórica e sua trama. São Paulo: Cortez: USF-IFAN, 1998.

HADDAD, S. Por uma nova cultura na educação de jovens e adultos, um balanço de experiências de poder local. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPED, 2007.

MAINARDES, J. **Álvaro Vieira Pinto**: uma análise de suas ideias pedagógicas. **Laplage em Revista**, v. 1, n. 3, p. 98-117, dez. 2015.

ROUX, J. **Álvaro Vieira Pinto**: nacionalismo e terceiro mundo. São Paulo: Cortez, 1990.

RUMMERT, S. M. A atualidade das contribuições de Paschoal Leme e de Álvaro Vieira Pinto à educação de adultos. **Rev. Bras. Educação de Jovens e Adultos**, v. 4, n. 7, pp. 9-31, 2017.

SHIROMA, E. O.; MORAES, Maria Célia Marcondes de; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

VIEIRA PINTO, Á. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1982. (Coleção educação contemporânea).

XAVIER, F. J. R. **A influência de práticas pedagógicas matemáticas na EJA sobre a permanência de estudantes na zona rural de Sobral**, 2019. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

Agradecimentos: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).